

Sveučilište u Zagrebu
Filozofski fakultet
Odsjek za romanistiku

MOTIV SMRTI U PRIPOVIJETKAMA
FLORBELE ESPANCE

Ime i prezime studenta:
Anja Manojlović

Ime i prezime mentora:
Nikica Talan

Zagreb, srpanj 2018.

Sveučilište u Zagrebu
Filozofski fakultet
Odsjek za romanistiku

MOTIVO DA MORTE NOS CONTOS
DE FLORBELA ESPANCA

Ime i prezime studenta:
Anja Manojlović

Ime i prezime mentora:
Nikica Talan

Zagreb, srpanj 2018.

SAŽETAK:

Florbela Espanca jedna je od ključnih osobnosti portugalske književnosti dvadesetog stoljeća. Premda poznatija po bogatom sonetnom stvaralaštvu, pisala je i pripovijetke. Ono što je obilježilo njezin književni rad, ali i život, opsesija je smrću. U Florbelinim sonetima i pripovjedaštvu često nailazimo na temu smrti, pa je i tema ovoga rada upravo motiv smrti u njezinim pripovijetkama.

Rad je podijeljen na nekoliko poglavlja. Prvo poglavlje bavi se životom Pjesnikinje od rođenja do tragične smrti, što je bitno i za razumijevanje njezina lika i djela. Drugo donosi pregled Florbelinog ukupnog književnog rada, od soneta do pripovijedaka, pisama i dnevnika, s naglaskom na karakteristike stila i teme kojima se bavi. Sljedeće – treće – govori o pripovijetki kao kratkoj proznoj vrsti, nabrajajući njezina obilježja i karakteristike.

Četvrto se pak poglavlje bavi temom smrti u svjetskoj književnosti, služeći i kao svojevrsan uvod u središnji, najvažniji dio rada. Taj središnji dio (peto poglavlje) raščlamba je triju pripovijedaka odabranih iz zbirke *Maske sudbine*, nastale nakon tragične pogibije Florbelina brata – najvažnije osobe u njezinom tužnom i tragičnom životu.

Izabrane su pripovijetke okosnica ne samo ove zbirke, nego, jednako tako, i proze, kao i samoga života Florbele Espance uopće jer u neku ruku donose i elemente autoričina životopisa. Nažalost, Florbela nije dočekala izlazak spomenute knjige koju je posvetila bratu – „svom dragom mrtvacu“. Ubila se, naime, na vlastiti rođendan godine 1930.

KLJUČNE RIJEČI: Florbela Espanca, pripovijetka, smrt, samoubojstvo, ljubav

RESUMO:

Florbela Espanca é uma das figuras maiores da literatura portuguesa do século XX. Embora seja mais conhecida pelos sonetos, ela também escreveu contos. O que marcou a sua obra literária, mas também a sua vida, foi a obsessão pela morte. Em vários dos seus sonetos e contos encontramos o assunto da morte. Por isso, o objeto deste trabalho é precisamente o tema da morte nos seus contos.

Esta tese final, intitulada *Motivo da morte nos contos de Florbela Espanca*, é dividida em vários capítulos. O primeiro capítulo aborda a vida da Poetisa, desde o seu nascimento até à morte trágica, que é essencial para entender não só a sua personalidade, mas também a sua obra. O segundo apresenta o seu trabalho literário em geral, do soneto ao conto, as cartas e o diário, com ênfase nas características do estilo e nos tópicos que ela usa. O seguinte, o terceiro capítulo, ocupa-se do conto, como um género narrativo, e das características dele.

O quarto capítulo apresenta o tema da morte na literatura mundial e serve como introdução à parte central e mais importante desta tese. A parte central da tese (quinto capítulo) é uma análise de três contos seleccionados do livro *As Máscaras do Destino*. Trata-se de uma coleção dos contos que Florbela escreveu após a morte trágica de seu irmão – a pessoa mais importante na sua vida triste e trágica.

Os contos seleccionados são a espinha dorsal daquela coleção, mas também da prosa e da vida em geral de Florbela Espanca, pois, em certo sentido, também trazem elementos autobiográficos. Infelizmente, Florbela não ficou para assistir à publicação deste livro, que ela dedicou ao seu irmão – “seu querido morto”. Ela pôs fim à sua vida na noite do seu aniversário, em 1930.

PALAVRAS-CHAVE: Florbela Espanca, conto, morte, suicídio, amor

ÍNDICE:

1. Introdução	1
2. Florbela Espanca – vida	2
3. Florbela Espanca – obra	5
4. Conto	9
5. Morte na literatura	12
6. Motivo da morte nos contos de Florbela Espanca	14
6.1. <i>O Aviador</i>	17
6.2. <i>A Morta</i>	22
6.3. <i>A Paixão de Manuel Garcia</i>	28
6.4. Observações finais	34
7. Conclusão	36
8. Referências	37

INTRODUÇÃO

A morte é um dos motivos mais comuns na literatura mundial. Seja uma morte por amor trágico ou num duelo, seja suicídio ou homicídio, sejam reflexões sobre guerra ou uma história sobre a vida depois da morte, muitos escritores escolhem esse motivo como um recurso para os seus romances, novelas, contos ou poemas. E não apenas escritores – a morte é tema recorrente na pintura, no teatro e na música também. O tema presta-se a vários tipos de abordagem: filosófica, histórica, romântica, religiosa ou relacionada com a investigação criminal. É algo que nos dá que pensar, algo que todos nós teremos de enfrentar, mais cedo ou mais tarde.

Alguém que enfrentou a morte cedo na sua vida, e que até desenvolveu uma obsessão pela morte, é precisamente Florbela Espanca. Escritora e poetisa portuguesa, que teve uma vida curta e triste, escreveu um livro de contos dedicado ao irmão – “seu querido morto”, que faleceu antes dela, de um modo trágico, e a marcou para sempre. Para tomar esta história ainda mais triste, ela pôs fim à sua própria vida, no dia do seu aniversário, uns anos depois.

O livro de Florbela *As Máscaras do Destino* é todo sobre a morte. Foi dedicado ao seu irmão morto, contém contos sobre a morte e foi publicado uns meses apenas após a morte de escritora. O que nós vamos observar é mesmo isso – a morte nos seus contos e na sua vida.

Para entender Florbela Espanca como escritora, primeiro vamos conhecer Florbela Espanca como pessoa. Vamos debruçar-nos sobre a sua vida, a sua obra e o seu estilo literário. Também vamos referir-nos ao motivo de morte na literatura mundial e na obra de Florbela Espanca. E, por fim, vamos analisar o livro *As Máscaras do Destino* e o papel da morte nele.

FLORBELA ESPANCA – VIDA

Flor-Bela d'Alma da Conceição Espanca nasceu em Vila Viçosa, no Alentejo, no dia 8 de dezembro de 1894, filha natural de Antónia da Conceição Lobo e de pai incógnito. Em 1897 nasceu o seu irmão Apeles Espanca, também registado como filho de pai incógnito. Florbela viveu toda a sua vida como filha ilegítima de João Maria Espanca. Foi perfilhada pelo seu pai apenas em 1949, quase 20 anos após a sua morte. A sua origem “ilegal” marcou-a para sempre. Não só ela não se encaixava na sociedade conservadora da sua época, mas o fato de ser filha ilegítima também deixou marcas na sua frágil saúde mental. Numa busca persistente por calor e carinho familiar, que não teve na infância, ela vai casar-se três vezes durante a sua vida curta.

Apesar de serem filhos ilegítimos, Florbela e Apeles foram criados pelo pai e pela sua primeira esposa, que também foi madrinha dos dois, Mariana do Carmo Inglesa. Filhos únicos do João Maria, os dois sempre tiveram a sua assistência. Florbela tinha uma boa relação com o seu pai, bem como com a sua madastra. Dela Florbela recebeu o gosto por um certo luxo e pelas coisas belas e foi ela quem descobriu o talento da Poetisa (Bessa-Luís 1979).

Em 1899 Florbela começou a frequentar a escola primária em Vila Viçosa. Datam daquela altura os seus primeiros textos literários. No ano de 1905 matriculou-se no primeiro ano do Liceu de Évora, que frequentou até 1912. Foi uma das primeiras mulheres em Portugal a frequentar um curso liceal. Durante os seus estudos no Liceu, Florbela perde a sua mãe Antónia, que morreu vítima de neurose, com apenas vinte e nove anos. Esta vai ser a primeira morte a marcar a vida da Poetisa. No Liceu Florbela conheceu o seu futuro marido, Alberto de Jesus Silva Moutinho, com quem casou em 1913.

Florbela Espanca concluiu no Liceu de Évora o sétimo ano de Letras, como aluna externa, em 1917. No mesmo ano matriculou-se na Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa, onde estudou durante três anos. Um ano mais tarde Florbela sofreu as consequências de um aborto involuntário, o que provocou os primeiros sinais sérios de neurose na escritora.

Em 1920 Florbela interrompeu os seus estudos na Faculdade de Direito, mas nessa data ela já tinha publicado vários textos literários no *Notícias de Évora* e o seu primeiro livro – *Livro de Mágoas*. No ano seguinte, ela divorciou-se, casou-se de novo com António José Marques Guimarães e mudou-se para o Porto. Na mesma época o seu pai divorciou-se de Mariana de Carmo e casou-se com Henriqueta das Dores Almeida. Em 1923 veio a lume o

segundo livro de sonetos da Poetisa – *Livro de Sórora Saudade*. No mesmo ano, para sobreviver, Florbela começou a dar aulas de português.

O segundo casamento da Escritora não durou muito. Ela divorciou-se pela segunda vez em 1925, mas alguns meses depois já se tinha casado de novo. O seu terceiro marido foi o médico Mario Pereira Lage. No mesmo ano Florbela sofreu mais uma perda – faleceu a sua madastra Mariana. Para Florbela, foi a perda da outra figura da mãe.

O ano 1927 foi um ano ruim para a Escritora. A 6 de junho de 1927 o seu irmão Apeles, de apenas 30 anos, faleceu num trágico acidente de avião. A morte dele foi devastadora para Florbela. O fato contribuiu para que Florbela desenvolvesse problemas mentais e tentasse o suicídio pela primeira vez um ano após a morte de Apeles. Em homenagem ao irmão, Florbela escreveu o conjunto de contos *As Máscaras do Destino*, mas não viveu para vê-los publicados.

Florbela foi diagnosticada com um edema pulmonar e com isso perdeu a vontade de viver. Tentou o suicídio por mais duas vezes e não resistiu à terceira tentativa. Faleceu em Matosinhos, de overdose de barbitúricos, a 8 de dezembro de 1930, no dia do seu aniversário, tendo deixado o pedido para que colocassem no seu caixão os restos do avião pilotado por Apeles quando sofreu o acidente. Tinha apenas 36 anos de idade.

Como vimos, a vida da Florbela Espanca foi triste e curta. Foi filha adulterina, sempre desejosa da atenção do seu pai, teve três mães e três maridos, sofreu dois abortos espontâneos, desenvolveu neurose, tentou o suicídio duas vezes e não resistiu à terceira. Não tinha nada na sua vida, só o seu irmão – o seu amor, e os seus versos – a sua fuga da realidade. A morte de Apeles quebrou-a. O seu corpo morreu no dia 8 de dezembro de 1930, mas por dentro estava morta muito antes disso – tinha morrido com o seu irmão.

A relação da Florbela com o Apeles era complexa. “Houve quem explicasse pelo incesto a veemência quase pungente com que Florbela tratou sempre o irmão” (Bessa-Luís 1979:38). Mas não vamos tirar conclusões tão sérias por agora. Apeles foi com certeza o homem mais importante da sua vida, a única constante. Ela era não apenas a sua irmã, mas também a sua mãe, melhor amiga e pessoa de confiança. Seguiu as suas aventuras amorosas, aconselhou-o e nunca considerou as suas namoradas dignas dele. Talvez Apeles até tivesse sido o único homem que Florbela amou de verdade. Claro que Florbela amou o seu pai, mas, neste caso, principalmente porque desejava que ele lhe retribuísse o amor que ela tinha por ele. “Florbela não pôde achar satisfação no amor”, escreveu Agustina Bessa-Luís no seu livro *Florbela Espanca – a vida e a obra*. “Na realidade, não há em Florbela uma decepção do amor dos homens. Quando ela diz ‘O amor dum homem? Terra tão pisada’ quer referir-se ao

amor prático, um meio de produção (...)” (Bessa-Luís 1979:44). Por isso, ela nunca teve um matrimônio feliz e que vai durar.

Até agora, tudo o que foi dito sobre Florbela Espanca referiu-se à sua relação com os outros. Mas ela foi mais do que filha ilegítima, mais do que irmã mais velha e mais do que poetisa. Agustina Bessa-Luís chama-lhe um *bardo*. “*Bardo* significa *entre dois estados*; quer dizer, situação crepuscular e incerta que oscila entre a morte e o renascimento” (Bessa-Luís 1979:13). Florbela era uma sombra da mulher. Nunca feliz de verdade e nunca satisfeita. Uma mulher introvertida com natureza nervosa, que anda pela vida com a sua “*máscara do destino*, a de intelectual, que a protege de olhos indiscretos” (Bessa-Luís 1979:62). Mas a sua máscara não a ajudou sempre. Não podia mostrar-se uma mulher forte, quando na verdade era frágil e viveu sempre com medo de ser abandonada. No fim, ela permaneceu sozinha com a sua doença, abandonada pelo mundo, e não pôde mais resistir ao seu medo e à sua realidade. A sua fuga foi mesmo a morte, a morte que a acompanhou durante toda a sua vida.

FLORBELA ESPANCA – OBRA

Depois de conhecer a pessoa de Florbela Espanca, vamos conhecer Florbela Espanca, a poetisa. Ela é uma das figuras maiores da literatura portuguesa do século XX. Até o famoso Fernando Pessoa a descreve como “alma sonhadora / irmã gêmea da minha!” no seu poema *À memória de Florbela Espanca*. Florbela é grande, mas não ficou para ver a sua própria grandeza.

Tal como Florbela, a pessoa, não se encaixou no padrão social da sua época, Florbela, a poetisa, não pertenceu a qualquer estilo poético desse período. Até hoje, ela continua marginalizada na literatura portuguesa. Cronologicamente pertence à Primeira Geração do Modernismo em Portugal, ou Geração de Orpheu, que começa com a publicação da revista Orpheu em 1915. Mas por causa das características da sua poesia, é considerada uma poetisa de fim-de-século (Talan 2004).

Embora seja mais conhecida pela poesia, Florbela também escreveu contos, um diário e cartas, traduziu diversos romances e colaborou com várias revistas e jornais, como *Modas & Bordados*, *Notícias de Évora* e *A Voz Pública*. Somente duas antologias da poesia, *Livro de Mágoas* (1919) e *Livro de Sórora Saudade* (1923), foram publicados em vida da Poetisa. Outras, *Charneca em Flor* (1931), *Juvenília* (1931) e *Reliquiae* (1934), saíram só após a sua morte. Toda a obra poética de Florbela, cerca de duzentos sonetos, foi reunida por Guido Battelli num volume chamado *Sonetos Completos*, publicado pela primeira vez em 1934. Até hoje, o livro foi editado mais de vinte vezes.

Florbela Espanca deu os seus primeiros passos literários logo na infância. Começou a escrever versos e desde o início mostrou interesse no assunto da morte, que se tornará uma constante da sua obra literária. O seu primeiro poema, intitulado *A Vida e a Morte*, foi escrito em 1903, quando tinha apenas 8 anos de idade:

O que é a vida e a morte
Aquela infernal inimiga
A vida é o sorriso
E a morte da vida a guarida.

A morte tem os desgostos
A vida tem os felizes
A cova tem as tristezas
A vida tem as raízes

A vida e a morte são
O sorriso lisonjeiro
E o amor tem o navio
E o navio o marinheiro

Como podemos ver, os seus primeiros versos eram de fácil leitura. Não há neste poema formas complexas ou palavras complicadas, mas de nenhuma maneira este é um poema infantil. Nestes versos, há um peso que não é comum numa rapariga de 8 anos. A oposição entre a vida e a morte, que a Poetisa continuará a desenvolver nas suas futuras obras, é já o foco principal. “(...) A morte se recobre de sentidos de proteção, de fortaleza, enfim, da *guarida* que o mais antigo [poema] explicita com clareza no último verso da primeira estrofe: a morte é a guarida da vida” (Lúcia Dal Farra 2002:37).

O mesmo sentido da morte está presente num dos últimos sonetos de Florbela, intitulado *Á Morte* (do livro *Reliquiae*):

Morte, minha Senhora Dona Morte,
Tão bom que deve ser o teu abraço!
Lânguido e doce como um doce laço
E, como uma raiz, sereno e forte.

Não há mal que não sare ou não conforte
Tua mão que nos guia passo a passo,
Em ti, dentro de ti, no teu regaço
Não há triste destino nem má sorte.

Dona Morte, dos dedos de veludo,
Fecha-me os olhos que já viram tudo!
Prende-me às asas que voaram tanto!

Vim da Moirama, sou filha de rei,
Má fada me encantou e aqui fiquei
À tua espera... quebra-me o encanto!

Mais uma vez a morte é apresentada num contexto de consolação e salvação: “O poema fala de um exílio, que é a vida, e do desejo de regresso à pátria de origem, que é a Morte, panaceia contra todos os males, unguento para todas as dores, paraíso para onde se quer voltar – lugar de agasalho, abraço, proteção, regaço (...)” (Lúcia Dal Farra 2002:36).

Como já foi dito, a morte teve um grande papel tanto na obra da Florbela, quanto na sua vida. No fim, a morte (ou seja o suicídio) foi a sua salvadora de uma vida infeliz.

Além da morte, os temas comuns na poesia de Florbela são, entre outros: o amor, a saudade, a melancolia, o desespero, a tristeza e a natureza. Na sua poesia nota-se a influência de alguns dos melhores sonetistas portugueses, tais como Antero de Quental, António Nobre, Abílio Manuel de Guerra Junqueira, Eugénio de Castro, Manuel Barbosa du Bocage e até Luís Vaz de Camões. Mas, apesar disso, destaca-se nela um carácter autobiográfico. A sua história triste de vida serviu como uma inspiração literária – Florbela escreveu os seus sonetos em vez de escrever um diário. Por isso, os temas tratados nos seus versos são distintivos e íntimos. Outras características gerais da sua poesia incluem musicalidade acentuada, pausas frequentes, egotismo, uso frequente dos verbos *morrer*, *sofrer*, *gritar*, *chorar*, *sentir*, etc. (Talan 2005).

Podemos encontrar muitas das características acima listadas também na prosa de Florbela. Ela escreveu vários contos, cartas e um diário, mas nenhum dos seus livros de prosa foi publicado durante a sua vida. Duas coleções de contos foram publicadas após o seu falecimento – *As Máscaras do Destino* (1931) e *O Dominó Preto* (1982). Juntos, eles contêm 14 contos, mas Florbela escreveu mais do que isso. Ela escreveu o seu primeiro conto, intitulado *Mamã*, que não faz parte das coleções mencionadas, já em 1906, quando tinha 12 anos.

Em 1949 foi publicado o livro *Cartas de Florbela Espanca*. É uma obra epistolográfica que contém cartas dirigidas a Dona Júlia Alves, sua antiga amiga, e a Guido Battelli, um professor italiano da Faculdade de Coimbra. O *Diário do Último Ano* foi publicado em 1981. Trata-se duma obra autobiográfica escrita nos últimos meses da vida da Florbela, de janeiro a dezembro de 1930. Compõe-se apenas de 32 fragmentos em forma de pequenas anotações, comentários, confidências e reflexões.

O *Diário*, bem como as *Cartas*, contêm pensamentos sobre a morte. No livro *Afinado desconcerto: (contos, cartas, diário)*, Maria Lúcia Dal Farra, poetisa e professora universitária brasileira, escreve que a morte no *Diário* comparece “como a benfazeja, como a aguardada Boa Fada” (Lúcia Dal Farra 2002:56). Então, a Morte (escrita aqui com uma letra maiúscula, porque Florbela a acha algo animado) tem sempre um carácter positivo e até divino. Seja ela uma guarida, ou uma Dona dos dedos de veludo, ou uma Boa Fada, ela é sempre presente, guarda e salva a sua “criadora”.

Dedicar tantas palavras e versos ao algo tão triste como a morte pode parecer mórbido, mas no caso de Florbela Espanca é bonito e romântico. A prova disso é toda a sua obra literária.

CONTO

A parte principal desta tese consiste na análise dos contos florbelianos, com ênfase no motivo da morte. Mas antes de começarmos a análise, é preciso observar o conto como gênero literário.

O conto é um gênero de modo narrativo, tal como o romance ou a novela. É uma forma mais simples do que as outras duas. Em comparação com o romance, o conto é um gênero pouco extenso, o que significa que se trata de uma narrativa curta. Mas este é só um dos fatores distintivos do conto. Outras características importantes incluem espaço e tempo reduzidos, ou seja, a história acontece num lugar determinado e restrito, durante um curto lapso de tempo.

Massaud Moisés destaca a unidade de ação como mais um componente deste gênero. Ele define o conto como “uma narrativa unívoca, univalente: constitui uma *unidade dramática*, uma *célula dramática*, visto gravitar ao redor de um só conflito, um só drama, uma só ação” (Moisés 2003:40). Podemos concluir que o conto apresenta um episódio e que a narração é normalmente linear. Não há no conto divagações, digressões ou quaisquer excessos – cada palavra tem a sua razão e o seu papel no enredo completo. A linguagem do conto deve ser objetiva e concreta. Sátira e humor, abstrações e metáforas longas, ou introspeção e fluxo da consciência, são evitados.

Devido à sua reduzida extensão (e unidade de ação), o conto apresenta poucas personagens. A personagem do conto tende a ser não uma figura complexa mas “um elemento estático, eventualmente identificando-se com a categoria do tipo” (Reis, Lopes 1998:80). Então, as personagens são planas, elas não crescem no decurso da narrativa, ao contrário do que sucede no romance, mas são imobilizadas no tempo e espaço e oferecem uma só faceta do seu caráter.

Outro componente importante num conto é o diálogo. Devido às suas características dramáticas, o conto deve ser o mais possível dialogado. “A explicação para isso está em que os conflitos, os dramas, residem mais na fala, nas palavras proferidas do que nos atos ou gestos. Sem diálogo, não há discórdia, desavença ou malentendido, e portanto, não há enredo, nem ação” (Moisés 2003:54). O diálogo pode ser direto ou indireto, pode até ser um monólogo – não é muito importante, embora normalmente os contistas usem a primeira modalidade.

Em paralelo, existe a narração, que, comparada com o diálogo, é menos frequente no conto. Consistindo no relato de fatos ou acontecimentos, a narração tende a ser breve. Neste contexto podemos mencionar a descrição, que compreende os retratos das pessoas, ilustrações das coisas ou da natureza. Além disso, a descrição pode ser física ou psicológica.

Em linhas gerais, o enredo do conto deve estruturar-se de acordo com as seguintes fases: apresentação, complicação, clímax e solução. A parte elementar do enredo é o conflito. Trata-se dum momento em que algo começa a acontecer. O conflito traz uma desordem e cria uma situação de tensão. O conflito começa na fase da complicação, atinge o seu ponto máximo na fase do clímax e termina só no final do conto.

Quanto ao ponto de vista num conto, ou seja à questão de quem conta a história, distinguem-se quatro focos narrativos (Moisés 2003). No primeiro a personagem principal conta a história e emprega a primeira pessoa. Portanto, trata-se duma interpretação a partir do seu ângulo pessoal e na sua história não há objetividade. No segundo foco narrativo, a história da personagem principal é contada por uma personagem secundária. Este narrador também pode empregar a primeira pessoa e, embora o processo implique mais objetividade, não é sempre completamente objetivo.

Os outros dois tipos de foco narrativo colocam-se fora dos acontecimentos, como observadores. No terceiro, o narrador, analítico ou onisciente, conta a história. Ele sabe tudo, descreve não só o que vê, mas também os pensamentos e as emoções das personagens. Ao contrário, no quarto foco, o narrador conta a história como observador. Ele descreve apenas o que está a acontecer, o que vê, e por isso a sua história tem mais objetividade.

Para terminar este tema, resta observar a classificação dos contos. Na verdade, não existe apenas uma, mas múltiplas, da autoria de vários teóricos. A que nos parece mais pertinente é a de Carl H. Grabo, que Massaud Moisés apresenta no seu livro *A Criação Literária*. Segundo Grabo, os contos dispõem-se em cinco grupos: contos de ação, contos de personagens, contos de cenário ou atmosfera, contos de ideias e contos de efeitos emocionais.

O conto de ação é o tipo mais comum. Caracteriza-se pela linearidade e por apresentar narrativas de aventuras. A predominância de aventura não significa a ausência de outros componentes, mas estes comparecem em grau inferior. Segue-se o conto de personagem. O objetivo deste conto é retratar uma personagem, sem atingir o grau de plenitude característico do romance. Por causa da estrutura do conto, o retrato da personagem é sintetizado – o contista usa a narrativa curta. Menos frequente ainda é o conto de cenário ou atmosfera. O conto de ideia era popular no século XVIII. Nele o contista oferece as suas observações acerca dos homens e do mundo e, contando uma história, embute a sua ideia nela. O último

tipo, o conto de efeitos emocionais, transmite a emoção. Este tipo de conto quer provocar uma sensação no leitor – de terror, surpresa, pânico, etc.

O conto é um género narrativo antigo. Segundo alguns teóricos, textos com estrutura de contos têm raízes nas civilizações mais remotas. Durante a Idade Média, o conto conhece uma época áurea. Basta mencionar Boccaccio, e seu livro *Decameron*, por influência de quem o conto é largamente cultivado nos séculos XVI e XVII. No século XIX “instala-se o reinado do conto, a dividir a praça com o romance” (Moisés 2003:34). O conto torna-se uma forma artística, em vez de forma simples, e ganha a sua estrutura característica. Contistas importantes deste período são Balzac, Flaubert, Maupassant, Poe, Gogol (introdutor do conto moderno) e Tchecov. No século XX, estabelece-se o conto moderno, que conhecemos hoje. Muitos autores famosos escrevem contos, como, por exemplo, Virgínia Woolf, Kafka, Joyce, Hemingway e Górkí.

Em Portugal, o conto levou mais tempo a impor-se na literatura. Um dos primeiros a “abordar a natureza do conto em Portugal foi Teófilo Braga, no século XIX” (Serpa Cabral 2013:168). Ele publicou um conjunto de contos, intitulado *Contos Fantásticos*. Braga foi acompanhado por Eça de Queirós que, além de contista, também foi teorizador deste género literário. No período de realismo, destacam-se mais dois contistas – José Valentim Fialho de Almeida e José Francisco Trindade Coelho. No século vinte, período do modernismo, os contos foram escritos por Aquilino Gomes Ribeiro, Florbela Espanca, Fernando Pessoa, Irene do Céu Vieira Lisboa, etc. Na segunda metade do século vinte, distinguiram-se vários contistas portugueses, como Agustina Bessa-Luís, Urbano Tavares Rodrigues, Jorge de Sena, José Saramago, Miguel Torga, Lídia Jorge e muitos outros.

MORTE NA LITERATURA

A morte é um dos temas mais recorrentes na literatura mundial, a par com o amor. Não se trata dum tema comum só na literatura, mas também em outras belas-artes. A questão da vida e da morte, e da vida depois da morte, sempre foi intrigante para os poetas, escritores, pintores, compositores, cineastas e filósofos porque ninguém realmente sabe o que está “do outro lado”. É um tema abstrato.

De acordo com o dicionário¹, a palavra *morte* tem vários significados. A morte é o ato ou efeito de morrer; interrupção definitiva da vida; termo da existência; desaparecimento gradual; acabamento, fim; extinção total; destruição. Na medicina, a morte representa uma cessação das funções vitais. Figurativamente, a morte é uma desgraça, causa de ruína, grande desgosto ou sofrimento intenso. A condenação à morte é uma pena capital, o pior castigo para um acusado. Assim, na perspectiva da medicina e da linguística, a morte representa um fim, o acabamento total da vida, mas a maioria das religiões do mundo ensinam-nos que existe uma vida após a morte, que a morte não é o fim, é o começo de uma nova dimensão de vida – a vida eterna.

Ao longo do tempo, o aspeto da morte na literatura mundial esteve muito relacionado com as tendências religiosas e percepção da morte nelas. Na literatura ocidental, incluindo a literatura portuguesa, predomina a influência do cristianismo. Esta influência começa no período medieval, quando o cristianismo se torna a religião predominante na Europa. As pessoas começam a acreditar mais intensamente na vida após a morte e, portanto, a morte ganha uma nova compreensão. Torna-se algo bom e divino.

Pensamentos sobre a morte foram muito acentuados na literatura de barroco. Uma das características deste período é o pessimismo. O homem barroco tem medo da morte, ele sente a transitoriedade da vida. Uma expressão muito utilizada neste período é *memento mori*. Esta expressão latina, traduzida como “lembre-se da morte”, quer destacar que nós todos vamos morrer, mais cedo ou mais tarde. Tal percepção da morte e da vida pode ser comparada com a do período do renascimento. Neste período, uma frase muito utilizada era *Carpe diem*, ou seja “aproveite o dia”. Isto quer dizer que a vida é breve e nós temos que aproveitar ao máximo o presente, sem ansiedades com o futuro. Embora as duas expressões tenham mais ou menos o

¹ Dicionário da língua portuguesa de Porto Editora <https://www.infopedia.pt/>

mesmo significado, *Carpe diem* oferece uma visão positiva do mundo, enquanto a outra apresenta uma visão mais negativa.

No romantismo, a morte não é o foco da literatura, mas é bastante relacionada com o *Weltschmerz*. Esta palavra alemã significa “dor do mundo” e apresenta uma visão do mundo muito popular neste período. O herói romântico é infeliz no amor e está em conflito com a sociedade e a moralidade convencional. Ele representa a dor do mundo e essa dor tem origem na oposição entre o coração, isto é, o sentimento, e a razão. Em resultado dessa dor, a vida do um herói romântico termina com o suicídio. Provavelmente, o herói romântico mais famoso é Werther, protagonista do livro *Os Sofrimentos do Jovem Werther*, de Johan Wolfgang von Goethe. Este tema está presente nas obras dos escritores de gerações mais recentes. Por exemplo, Florbela Espanca explora-o em alguns dos seus contos.

No período do modernismo, destaca-se o movimento literário chamado decadentismo. O decadentismo é caracterizado pelo pessimismo e pelo sentimento de futilidade. O homem decadentista fascina-se pela morte, vendo nela a única forma de libertação deste mundo irracional e sem valores morais. Nós também vamos encontrar essa visão do mundo na prosa de Florbela, o que não é surpreendente, já que ela mesma compartilhou tal visão pessimista.

Os períodos destacados neste capítulo foram selecionados tendo em conta uma muitíssimo breve revisão da morte na literatura, tema utilizado por escritores desde sempre. Sendo assim, é um tema que ocorre nas obras, pertencentes a todos os períodos e movimentos literários.

MOTIVO DA MORTE NOS CONTOS DE FLORBELA ESPANCA

Nesta parte vamos analisar os motivos da morte em três contos do livro *As Máscaras do Destino*, de Florbela Espanca. Os contos escolhidos são *O Aviador*, *A Morta* e *A Paixão de Manuel Garcia*. Embora o motivo da morte esteja presente em todos os contos deste livro, os três foram escolhidos porque representam a ideia básica da autora, pelo que servem o propósito desta tese.

O conjunto de contos *As Máscaras do Destino* foi publicado em 1931, uns meses após a morte da autora. O livro é dedicado ao Apeles, irmão querido da autora, cuja já antes referida morte trágica a marcou para sempre. Ela tinha perdido o homem mais importante da sua vida, a pessoa que ela mais amava, o que teve consequências na sua saúde mental. O livro, escrito no mesmo ano do acidente, representa o auge da sua “obsessão” pela morte.

O livro contém uma dedicatória e oito contos. Os contos são (nesta ordem): *O Aviador*, *A Morta*, *Os Mortos Não voltam*, *O Resto É Perfume*, *A Paixão de Manuel Garcia*, *O Inventor*, *As Orações de Soror Maria da Pureza* e *O Sobrenatural*.

Na dedicatória, que começa com as palavras: “A meu Irmão, ao meu querido Morto”, Florbela lembra-se do seu primeiro livro e das palavras na primeira página: “À querida alma irmã da minha, ao meu Irmão”. Ela via naquelas palavras um agoiro, uma profecia que a trouxera até ao momento em que perdeu o irmão. Ela sente a presença do seu “querido Irmão” enquanto escreve este livro e ele ajuda-a a pôr palavras no papel. Porque ele não morreu – ele é a parte dela! Por isso mesmo, Florbela escreve estas páginas, para que o “seu Morto” continue a viver nelas, para que não morra com ela. Este é um livro dele: “Este livro é dum Morto, este livro é do meu Morto. Que os vivos passem adiante...”.

Os vivos passaram adiante e as suas palavras foram publicadas uns anos depois. Para os propósitos desta tese final eu utilizo a edição da Livraria Bertrand, publicada em 1998, com um prefácio de Agustina Bessa-Luís, mais uma mulher significativa da literatura portuguesa. No seu prefácio, Bessa-Luís escreve que os contos são como Florbela: “símbolo de permanência no pensamento da terra, fio de amor que mantém a sua magnética força, saudade de tudo que podia significar felicidade e expansão do afecto” (Bessa-Luís 1998:10). É mesmo amor e saudade que Florbela sente quando escreve a dedicatória ao seu querido irmão. Com a publicação deste livro, os seus pensamentos tão íntimos, os seus amores e saudades, tornaram-se públicos, e as suas máscaras caíram.

Como o próprio título – *As Máscaras do Destino* – indica, os contos são apenas máscaras da sua dor, das saudades que ela tem do irmão e, no final, do seu destino infeliz. Os contos são “disfarces duma memória triste; são lago de esquecimento que espelha o rosto em pranto” (Bessa-Luís 1998:11). Há várias máscaras neste livro – cada conto traz a sua, e a Morte também anda mascarada neles, tomando formas diferentes.

O primeiro conto, *O Aviador*, apresenta um aviador que é “um homem que tem asas”. O aviador abriu as suas asas e subiu ao sol. Lá em cima ele está contente, mas a sua felicidade e liberdade não duram muito tempo, porque logo cai no rio e morre. Este conto pode ser considerado como uma visão mística da morte de Apeles. A morte do aviador é, na verdade, uma alegoria da morte dele – ambos aviadores, acabaram as suas vidas no fundo do rio.

O conto seguinte, intitulado *A Morta*, apresenta-nos uma Morta que depois do seu falecimento continua uma relação com o seu namorado, chamado simplesmente “o vivo”. O vivo visita-a no cemitério e fala com ela – o seu diálogo é “duma sobre-humana beleza”. Ele visita-a todas as tardes, até um dia em que não chega. A Morta espera e espera, mas ele nunca volta. Então ela vai em busca dele, mas não o encontra, e assim, desesperada, a Morta entra num rio e a água vai ajudá-la a morrer totalmente.

O conto sob o título *Os Mortos Não Voltam* apresenta um narrador, o Dr. X, que se lembra da festa onde ouviu uma história de amor triste. Uma mulher chamada Lídia de Vasconcelos tinha perdido o seu grande amor num desastre no mar. O corpo dele nunca mais apareceu. Lá, nessa festa, o Dr. X viu-a gritando para o mar, chamando o seu noivo. Era um grito de amor. Mas o morto não respondeu ao grito porque “os mortos não voltam”, nem por amor.

No conto *O Resto É Perfume* o narrador relembra uma tarde quente e uma conversa que teve com uma amiga. Esta explica-lhe que os vivos não sabem o que é vida – “os mortos é que sabem”. Ela também sabe, os mortos ordenaram-lhe que visse, mas isto não se pode explicar com as palavras, porque as palavras “são vazias”. Ela dá-lhe a cheirar um cacho de lilás, terminando a conversa com as palavras: “A vida é este cacho de lilás... Mais nada... O resto é perfume...”.

O conto seguinte é *A Paixão de Manuel Garcia*. É uma história de amor platónico e infeliz. Manuel Garcia matou-se quando soube que Maria del Pilar ia casar-se. Ele nunca admitiu o seu amor por ela porque sabia que este amor não era possível. A única pessoa que sabia era a mãe dele. Ela encontra o corpo dele, junto com uma carta para a Maria. Com o suicídio de Manuel, o tormento dele terminou, mas o da sua mãe apenas começou.

O próximo texto, intitulado *O Inventor*, apresenta um protagonista com a obsessão pelo mar. Na infância, ele lê os livros de Júlio Verne, as suas histórias de piratas e naufrágios, e escolhe a carreira de marinheiro. Mas a vida no mar não era nada como aquela narrada nos livros. Ele decepcionou-se. Então decide tornar-se um aviador, mas descobre que a companheira de todos os aviadores é a Morte. Por isso decide inventar um motor perfeito para voar sem risco, mas desiste do seu plano porque, no final, aprende que a presença da Morte é o que nos ajuda a sentir vivos.

O penúltimo conto é *As Orações de Soror Maria da Pureza* – a narrativa sobre uma mulher jovem que, após a morte do seu namorado, decide passar a sua vida num convento. Lá, neste lugar sagrado, ela está contente e continua a “namorar” com o seu noivo morto, porque o amor não conhece os limites da vida.

O Sobrenatural, o último conto do livro, apresenta-nos Gatita Blanca, uma mulher bonita de origem misteriosa. Ela é vista como um ser sobrenatural, a personificação da própria Morte.

Esta é apenas uma breve revisão dos contos que integram o livro *As Máscaras do Destino* e serve de introdução à análise que se segue. É interessante observar como todos os contos (exceto o último) se referem, de alguma maneira, à morte trágica de Apeles. Todos eles incluem os motivos que se repetem, como por exemplo: morte trágica, morte no rio/mar, aviador, suicídio, amor infeliz, mulher abandonada, morte dum noivo/noiva, amor depois da morte, etc. Cada um destes motivos pode ser relacionado com Apeles ou com a própria Escritora. Mas é um dos assuntos que vamos observar com maior profundidade nas páginas que seguem.

O AVIADOR

O Aviador é o primeiro conto do livro e apresenta, mais claramente do que os outros sete, a morte do “querido Morto”, Apeles Espanca. Trata-se de uma alegoria da morte de Apeles, quase um mito, que, nas palavras da Lúcia dal Farra, no livro *Afinado desconcerto*, pode ser comparado com o mito de Faetonte (Lúcia dal Farra 2002:106). Na mitologia grega, Faetonte é o filho de Hélio, deus do Sol, e de Climene, uma oceânida, ou seja, uma ninfa do mar. Faetonte pediu ao seu pai permissão para conduzir a sua carruagem (que representa o próprio Sol) e o pai consentiu. Mas os cavalos sentiram que não era Hélio a conduzi-los e não obedeceram. A Terra estava em perigo de ser queimada. Para evitar o desastre, Zeus foi forçado a derrubar a carruagem com um raio e a matar Faetonte no processo. Faetonte caiu no rio, onde as suas irmãs, as Heliades, choraram tanto a sua morte que os deuses decidiram transformá-las em choupos e as suas lágrimas em grãos de âmbar. É também assim que acaba a vida do herói do conto *O Aviador*. Ele voou alto demais, queria sentir-se divino, e caiu num rio, onde morreu rodeado pelas deusas das águas.

Florbela começa o conto descrevendo um quadro: “um óleo pintado a chamas por um pintor de génio” (Espanca 1998:37). É uma imagem do rio, do Sol e das chamas. Enquanto tudo em volta flameja (mais uma correlação com Faetonte, cuja carruagem também flamejava), acima desta imagem ascende um “homem com as asas”. Exceto no título, Florbela não usa a palavra “o aviador” no conto. E assim, não fosse o título, o leitor não saberia que esta é a história de um aviador – o conto parece mesmo referir-se a um homem que pode voar. Por isso falamos de alegoria. Florbela oferece-nos uma visão quase romântica desta tragédia, que é a morte do aviador. Ela escolhe uma abordagem poética do tema.

Dando-lhe asas, Florbela transforma o seu herói num quase deus ou num anjo. As asas simbolizam a liberdade, a espiritualidade, a libertação da alma, o transporte até ao sagrado, o mais alto dos céus². Ela opõe o seu herói aos “filhos dos homens”. Eles são descritos como “duramente castigados”, “os que habitam o formigueiro das cidades” e que fazem “insensatas correrias de formigas”. Com isto quer dizer que as suas vidas, as vidas das pessoas comuns, são em vão. Já o herói, com as suas asas, a quem ela chama mesmo um *homem* e não um *filho do homem*, escapou daquela vida. Ele parece ter algum conhecimento superior da vida, não acessível a um homem comum.

² Dicionário de Símbolos: <https://www.dicionariodesimbolos.com.br/>

Nos olhos leva visões que os filhos dos homens não conhecem. Os olhos dele [...] são de pedra como os das estátuas e vêem mais e mais para além do que as míseras pupilas humanas. São astros (Espanca 1998:39).

Outra oposição que se destaca no conto é aquela de “lá no alto” (ou “lá em cima”) e “lá em baixo”. O homem com as asas está “lá no alto”. Ele está contente e sente-se livre e liberto do mundo e da vida oprimida. Por outro lado, os “filhos dos homens” estão “lá em baixo”, num lugar que concentra todos os males do mundo.

Deixou lá em baixo todo o fardo pesado e vil com que o carregaram ao nascer; deixou lá em baixo todas as algemas, todos os férreos grilhões que o prendiam, toda a suprema maldição de ter nascido homem; deixou lá em baixo a sua sacola de pedinte, o seu bordão de Judeu Errante, e, livre, indómito, sereno, na sua mísera couraça de pano azul, estendeu em cruz os braços que transformou em asas! (39).

O aviador sente-se mais vivo “lá no alto” do que na terra. Para demonstrá-lo, Florbela usa palavras como: *deslumbramento*, *prodígio*, *miragem*, *enérgico*, *intenso*, *apoteose*, etc. O seu aviador penetra a natureza, vive com ela e ganha o seu poder.

O seu coração, ao alto, é mais uma onda do rio, embaladora, rítmica, na sensualidade da tarde; é uma voz que sussurra, que ele sente sussurrar em unísono com outra voz que sussurra mais áspera, mais rude –, a voz do coração de aço que, sob o esforço das suas mãos, palpita e responde (40).

“Lá no alto” e “lá em baixo” podem ser vistos como morte e vida, sendo que a morte representa “lá no alto” e a vida “lá em baixo”. As palavras que Florbela usa para descrever a vida, como “fardo pesado”, “algemas”, “férreos grilhões” ou “suprema maldição”, têm um sentido pejorativo e indicam uma prisão. Por outro lado, as palavras usadas para descrever a morte indicam libertação – “livre, indómito, sereno”. A morte do aviador é vista como algo positivo e Florbela descreve-a idilicamente.

Atira as asas mais ao alto, ascalando os cimos infinitos, já fora do mundo, na sensação maravilhosa e embriagadora de um ser que se ultrapassa! Sente-se um

deus! As mãos desenclavinham-se, desprendem-se-lhe da terra onde as tem presas um derradeiro fio de oiro... e cai na eternidade (42).

Caindo no rio o aviador foi liberto dos laços do mundo. Esta é uma “sensação maravilhosa”. Ele salvou-se de toda maldição que traz a vida. Na terra, as suas mãos estavam presas por um “derradeiro fio de oiro”, mas “lá ao alto” ele rompeu esse fio e estendeu as mãos. Ele ganhou as asas e sente-se um deus. Já nos referimos antes nesta tese ao efeito libertador da morte na obra de Florbela. De facto, ela mesma escolheu este meio de libertação da sua vida triste e oprimida. O mesmo acontece com o herói deste conto. A morte dele não é o resultado dum acidente (como no caso do Apeles) – ele escolhe a morte. Ele sabe que vai morrer e atira as suas asas mais para cima e corre no abraço da morte.

Se olharmos de perto a frase “estendeu em cruz os braços que transformou em asas” podemos fazer uma correlação entre aquela cruz e a cruz de Cristo, sendo esta pois uma alusão a próprio Jesus Cristo. Jesus é o filho de Deus que morreu na cruz para salvar a humanidade. Ele ressuscitou e foi elevado ao céu com o seu corpo físico. De igual modo, o aviador estendeu em cruz os seus braços (sacrificou-se), ganhou as asas (ressuscitou) e atirou o seu corpo ao alto (ao céu).

Não se conclui aqui que o aviador morreu por um bem maior. Ele morreu, antes de mais, para se salvar a si mesmo da vida que o sufocou. Mas fica a impressão de que ele foi uma vítima de um mundo cheio da injustiça e maldade. O cristianismo ensina-nos que Jesus também foi uma vítima inocente, embora Jesus não tenha morrido como uma vítima frágil, mas como um herói. É esse mesmo sentimento que Florbela quer atingir no seu conto. O seu aviador é também um herói e o seu ato é visto como um ato de coragem.

O aviador, tal como Faetonte, e o próprio Apeles, caíram num rio. Ao cair no rio, o aviador é rodeado pelas “filhas dos deuses, ondinas, sereias, nereidas, princesas encantadas” (Espanca 1998:42) que choram a sua morte.

– É mais um filho dos homens? – pergunta uma, estendendo o braço como uma grinalda de açucenas.

Mas a de cabeleira mais fulva, onde o oiro foi mais pródigo e se aninhou mais vezes, responde num sussurro:

– Não. Não vês que tem asas?

– É então um filho dos deuses? – pergunta outra.

– Não. Não vês que sorri? (43).

Neste parágrafo, Florbela mais uma vez destaca a qualidade do aviador enquanto ser mais divino do que homem comum. Esta cena pode ser comparada com a morte de Faetonte, cujas irmãs deusas também choravam no rio, onde o corpo dele caiu. Podemos imaginar que Florbela chorou da mesma maneira, quando soubesse que o seu irmão tinha morrido.

Outras personagens do livro *As Máscaras do Destino* também acabam a sua vida nas profundezas do rio ou do mar. Por exemplo, a personagem da Morta, no conto com o mesmo nome, procura a libertação da sua tristeza (causada pela perdição do amor) num rio. Em *Os Mortos Não Voltam*, o namorado duma personagem perde-se no mar e nunca volta, deixando a sua noiva triste e perdida num outro sentido desta palavra.

O rio pode ter significados diferentes. A água, em geral, simboliza a origem da vida, a transformação, a purificação, a força e a limpeza³. Por exemplo, o rio pode representar o ato de batismo. O batismo é um ritual religioso de iniciação em que se mergulha na água a pessoa a ser batizada. Neste ato de batismo, a água sagrada simboliza a pureza. O batismo regenera e abre o caminho para a salvação eterna. No conto *O Aviador*, o protagonista acaba a sua vida terrena e, batizado num rio, entra numa vida eterna puro e regenerado. O rio permite-lhe um novo começo.

E aquele que tinha sido um filho dos homens ficou a dormir na eternidade como se fora um filho dos deuses (46).

Uma outra correlação com o cristianismo pode ser vista no fim do conto. Lá, nas profundezas do rio, onde repousa o corpo do aviador, uma das deusas tem um gesto maternal com ele. Por isso, Florbela destaca-a das outras deusas. Esta cena reflete a de Maria ao pé da cruz – Maria que é considerada a mãe de todos. Maria aceita o destino do seu filho, tal como aquela deusa do rio aceita o destino do aviador e decide deixá-lo repousar em paz.

Foi então que uma delas, que tinha no olhar um pouco da nostálgica tristeza humana, que mostrava ainda sinais de algemas nos pulsos de seda branca, que trazia nos cabelos uma vaga cinza de crepúsculo, murmurou, enquanto num gesto, onde havia ainda esfumadas reminiscências de gestos maternos, lhe aconchegava ao peito a mísera couraça de pano azul:
– Deixem-no... Talvez lhe doam as asas quebradas... (46).

³ Dicionário de Símbolos: <https://www.dicionariodesimbolos.com.br/>

O Aviador não é o único conto com a personagem do aviador, ou seja, não é a única homenagem a Apeles neste livro de contos. A personagem do aviador também está presente no conto *O Inventor*. O protagonista deste conto torna-se aviador depois de se ter decepcionado na vida de marinheiro. Enquanto aviador, ele percebe que a Morte é a “sua companheira vestida de negro”. Ela é uma companheira constante na vida, que nos ajuda a sentirmo-nos vivos. Como já foi dito, o nosso aviador também escolhe a morte porque nela se sente mais vivo e porque a morte lhe oferece mais felicidade do que a vida.

A MORTA

O conto seguinte é *A Morta*, que nos traz uma história de amor depois da morte. A personagem principal do conto é uma mulher jovem chamada a Morta. Como o seu próprio nome indica, ela é falecida e sepultada e vive numa cidade dos mortos – num cemitério. O seu último lugar de descanso é uma “caixinha de sete palmos” de cor branca. A Morta é descrita como uma menina pequena, com cabelos pretos, vestida toda de branco.

Vestiram-na de branco, ungiram-na de branco, envolveram-na numa nuvem de branco. Era branca a almofada de rendas onde lhe poisaram a cabeça, devagarinho, no gesto sagrado de quem poisa uma relíquia três vezes santa nas rendas de um altar. Brancos, os sapatinhos de cetim, aqueles mesmos que mal roçavam agora as pedras do caminho. Branca, a grinalda de rosas de tocar que lhe prenderam à seda dos cabelos. Branco, o vestido, o seu último vestido do seu último baile. Brancos, os cachos de lilás, as rosas e os cravos que eram como asas de pombas a cobri-la. Branca, a caixinha de sete palmos pequeninos onde a mãe a deitou como a deitara anos a fio na brancura do berço (51).

A cor branca tem um papel importante neste conto. Somente no parágrafo em cima a palavra “branco” é usada dez vezes. O branco é uma cor que simboliza a graça, os anjos e a manifestação divina. Na tradição cristã, o branco representa pureza, inocência e virgindade⁴. Por isso, as noivas vestem-se de branco no dia do seu casamento e as crianças são batizadas vestidas usando essa cor. A Morta morreu como uma virgem. Mas ela também morreu como uma noiva (dum noivo vivo que a visita no cemitério) e como uma filha da mãe que a deitou nesta caixinha “como a deitara anos a fio na brancura do berço”. A toda esta brancura opõem-se a noite escura e as sombras do cemitério. A brancura, que aqui representa a vida, foi liquidada pela “noite cega” e pela terra preta, que representam a morte.

Depois, a tampa da caixinha tombou brandamente entre o ciciar dos soluços, e toda brancura se apagou; uma noite de luar que se cerrase em sombras...
E lá foi... Desceu os degraus da escada, baloiçada no seu esquife branco [...] (53).

⁴ Dicionário de Símbolos: <https://www.dicionariodesimbolos.com.br/>

Esta caixinha guarda não só o corpo pequeno da Morta, mas também as suas recordações e os seus sonhos. Lá, junto com o seu corpo, deitaram as flores, as cartas do noivo e o retrato dele – “como se lá tivessem encerrado, numa suprema oferta, todas as primaveras que no mundo haviam de florir depois dela”.

Todos os dias, no crepúsculo, o seu noivo vivo a visitava nesta cidade dos mortos. Ele chegava todos os dias, à mesma hora, num momento que a Morta chama “o encantamento”. Ela conhecia o seu cheiro e os seus passos, poderia senti-los à distância. A chegada dele manifestava-se nas flores que eram colocadas na sua caixinha.

[...] o perfume das rosas, dos cachos de lilás, das suas recordações de amor encerradas com ela, fazia-se mais denso, corporizava-se, tornava-se nuvem, unguento divino que a inundava, que a aromatizava toda (54).

Segundo o dicionário de símbolos⁵, a rosa representa o amor e a união. Ela simboliza a perfeição, o coração, a paixão e a alma. Neste caso, as rosas simbolizam o amor entre uma morta e um vivo – a paixão que ainda arde, que não se extinguiu depois da morte dum deles. Porque o amor não conhece os limites entre a vida e a morte. Não são apenas as rosas que representam este amor, mas também os lilases e os cravos. Apesar de estarem cortadas, as flores continuam a crescer e a florescer, tal como cresce e floresce o amor da Morta e do vivo, cortado pelo falecimento da noiva.

Os sete palmos brancos onde as flores dormiam de encontro à carne branca da virgem eram como um enxame de abelhas de ouro: zumbiam lá dentro todas as litanias de amor, batiam desvairadamente os corações dos cravos, abriam-se sedentas as pequeninas bocas das mil florinhas de lilás, aos seios pálidos das rosas afluía uma onda levíssima de carmim (54).

Como verificámos no primeiro conto, as oposições são comuns nos contos de Florbela. No parágrafo que segue podemos observar a oposição entre a “cidade dos mortos” e a “cidade dos vivos”. A cidade dos mortos é toda silenciosa e adormecida, enquanto a cidade dos vivos é gritante e alucinada.

⁵ Dicionário de Símbolos: <https://www.dicionariodesimbolos.com.br/>

Os passos, letras de um poema que ela sabia de cor, mal se ouviam, perdidos ainda no coração da cidade, gritante, alucinada cidade dos vivos... mas, agora, vinham mais perto, distinguiam-se melhor, eram mais arrastados, tateavam o chão, tomavam posse das pedras do caminho da silenciosa cidade dos mortos (54).

Quando o noivo chega ao cemitério, traz consigo um pouco da vida. Nesta hora do crepúsculo, quando o dia se encontra com a noite, a vida encontra-se com a morte. E os noivos estão juntos neste espaço intermédio, que não é vida, nem morte. Eles estão sozinhos e ninguém pode ouvi-los ou vê-los. O diálogo entre eles é “duma sobre-humana beleza”. É um diálogo em que as bocas ficavam mudas, em que “os sons eram imateriais e os gestos intangíveis”. Nem mortos, nem vivos podem entendê-los.

Era assim que o noivo vivo visitava o cemitério todos os dias. Até um dia em que não chegou. A Morta esperou e esperou, desesperada, mas ele nunca voltou. Em breve, as flores começaram a murchar, a sua beleza desapareceu e o amor começou a desvanecer. Nada é para sempre...

Na caixinha de sete palmos onde os cravos e os lilases eram viçosos e frescos ainda, como se uma eterna madrugada os banhasse de orvalho, começaram a enlanguescer os perfumes, a desmaiar os seios nus das rosas; as cartas de amor amareleciam; os braços da virgem iam esboçando já o gesto de fadiga dos outros mortos que ao lado dormiam pesadamente (56).

Para a nossa protagonista, este parágrafo marca uma mudança, um começo do fim. É o fim do amor entre a Morta e o vivo. A morte venceu. Apesar de já ter morrido há algum tempo, é como se ela morresse novamente. O amor foi a sua única ligação com o mundo vivo. Antes, apenas o seu corpo estava morto, mas agora a sua alma também morreu. E ela, esquecida do mundo e com a sua alma quebrada, esperou o retorno do seu amor. Mas uma noite, mais cega e mais silenciosa do que as outras, decidiu sair do seu jazigo e ir à procura dele.

Lá, na cidade dos vivos, tudo era diferente em relação ao cemitério. Todos os sentimentos eram mais fortes entre os vivos. A Morta sentiu como se não pertencesse a este lugar.

Foram mais ternos os beijos das noivas; as mães sentiram mais calmos os sonhos dos filhos como se a bênção do céu descesse misericordiosa sobre os

berços; os braços das amantes ampararam melhor as cabeças desfalecidas, e os que estavam para morrer tiveram pena da vida (57).

Andando pela cidade em vão, a Morta não encontrou o seu noivo e não conseguiu que o seu amor voltasse. Mas, neste momento, quando toda a esperança estava perdida, ela ouviu o barulho do rio. Mais uma vez Florbela usa o motivo de água como meio de consolar, acalmar o espírito inquieto das suas personagens. O aviador acabou no fundo do rio, onde pode descansar em paz, e a Morta vai atingir um destino similar.

Na taça de prata, cinzelada a traços de maravilha pelas mãos dos génios das águas, erguida ao alto por mãos misteriosas e invisíveis, dormia todo o azul do infinito. O seu vestido branco aureolou-se de sonho, teve tons azulados de nácar e madrepérola, claridades fosforescentes de fogo-fátuo; como se lhe batesse de chapa todo o luar dos céus longínquos, lembrou um manto de Virgem; as mãos, num gesto de graça, foram duas minúsculas conchas azuis (58).

No parágrafo apresentado Florbela usa muitos símbolos. Mais uma vez, ela socorre-se de símbolos do cristianismo, como, por exemplo, o “manto de Virgem”. No manto da Virgem Maria, o azul simboliza o desaparego da vida mundana, a pureza e a paz. Desta forma, partilha algo da simbologia inerente à cor branca, a qual também reflete pureza e calma⁶. A Morta, no seu vestido branco que parece azul, torna-se divina. A sua divindade é ainda mais destacada com o uso do verbo “aureolar-se”, que tem significado de ornar com auréola, abrilhantar ou glorificar⁷. Isto e o fato de que a Morta também era uma virgem aproximam-na ainda mais da imagem da Virgem Maria.

Outro símbolo que aqui se destaca, é a concha, que ocorre no texto em várias formas – “nácar”, “madrepérola” ou “conchas azuis”. A concha simboliza a fecundidade e o nascimento, pelo que podemos fazer nova correlação com a Virgem Maria. Ela é vista como a “mãe de todos nós”, sendo então um modelo feminino muito importante. Outrossim, temos o símbolo das mãos num gesto de graça. A Virgem Maria é muitas vezes apresentada em tal postura, com as mãos abertas. A nossa protagonista, com as mãos neste gesto, parece um pedinte que procura consolo nas águas do rio, que implora que a sua dor seja tomada por elas.

⁶ Dicionário de Símbolos: <https://www.dicionariodesimbolos.com.br/>

⁷ Dicionário Porto Editora <https://www.infopedia.pt/>

Debruçou-se... Marulho de ondas... E a Morta foi mais uma onda, uma onda pequenina, uma onda azul na taça prata a faiscar... (58).

O rio simboliza o fluir das águas e a fluidez das formas, a fertilidade (uma característica compartilhada com a concha), a morte e a renovação. A renovação pode ser comparada com o ato do nascimento (mais uma característica da concha), ou renascimento (como no conto anterior, onde o rio representa o ato do batismo). O referido rio também simboliza a existência humana e o seu curso com a sucessão dos desejos, dos sentimentos, das intenções e das possibilidades dos seus desvios⁸. Ademais, a onda simboliza a potência da natureza, o poder e a mudança constante.

A Morta, com o seu coração quebrado, entra no rio com desejo de morrer, desta vez para sempre. Morrendo, torna-se uma onda e perde-se no rio. Este lavou as suas lágrimas e levou a sua dor e tristeza. Ela está libertada, renovada e renasce numa forma nova – a forma da natureza. É importante notar que a natureza tem um papel significativo nos contos de Florbela Espanca, o que é particularmente óbvio neste conto. Não falamos apenas do papel da água, do rio e das ondas. A título de exemplo, mencionemos também a noite, que representa a morte. Com o decorrer do tempo, a noite, por seu lado, torna-se mais cega e mais escura. A própria natureza também reflete os sentimentos das personagens, o que vimos no exemplo das flores. Quando o amor floresce, as flores florescem com ele. Mas quando o amor se perde, as flores murcham e morrem.

O conto *A Morta* apresenta um tema muito similar ao dum outro conto deste livro – *As Orações de Soror Maria da Pureza*. Este conto também apresenta uma narrativa sobre o amor depois da morte, mas de um ponto de vista um pouco diferente. Neste conto, a personagem principal também é uma mulher jovem, chamada Maria, mas ela não se encontra morta. Pelo menos, não podemos falar sobre a morte física dela. Quem está morto é o seu namorado. Ao saber da sua morte, Maria encerrou-se em si mesma “como num cofre selado”, como num “túmulo fechado e mudo, onde as revoltas e os gritos, as censuras e as carícias iam despedaçar-se em vão” (146). Neste sentido ela pode ser comparada com a nossa Morta, que também foi fechada num túmulo, num jazigo escuro e mudo.

Maria também continuou a sua relação amorosa com o noivo morto. Ela encontrava-se com ele e “vivia” um amor que não era deste mundo. Estes encontros foram misteriosos e íntimos, como aqueles entre a Morta e o seu noivo vivo. Ninguém poderia ouvir e perceber as

⁸ Dicionário de Símbolos: <https://www.dicionariodesimbolos.com.br/>

palavras que trocavam. Logo, quando Maria decidiu ir para um convento, eles continuaram os seus encontros lá. No convento, Maria torna-se a Soror Maria da Pureza. Dessa forma, ela renova-se, renasce como um ser religioso. Tal como a Morta, Maria também lembra a Virgem Maria, com quem até compartilha o nome. Maria torna-se divina, e tudo isto acontece em nome do amor.

Em relação com a vida da Escritora, as personagens da Morta e de Maria representam a própria Florbela. Ela também perdeu o seu amor. Ela também sentia a presença do seu amor, do seu “querido Morto”, tal como descreve na dedicatória do seu livro. Podemos concluir que estas personagens femininas foram a homenagem a si mesma.

A PAIXÃO DE MANUEL GARCIA

O terceiro conto a ser analisado é *A Paixão de Manuel Garcia*. Trata-se duma narrativa trágica, cujo foco é o suicídio da personagem principal, Manuel Garcia. Apesar de estar presente nos primeiros dois contos, o tema do suicídio é mais profundamente explorado neste.

O conto começa *in medias res*. Logo na primeira frase, o narrador revela-nos o que aconteceu ao protagonista.

Manuel Garcia, o pobre canteiro da Rua das Silvas, quando soube que Maria del Pilar ia casar-se, matou-se.

Um drama encerrado em duas linhas, numa escassa dúzia das palavras, um drama que levou anos e anos a desenrolar-se, que teve o seu primeiro capítulo numa doce manhã de maio e o seu epílogo num modestíssimo quarto duma casinha de pobres (95).

Neste primeiro parágrafo toda a triste história de Manuel Garcia é brevemente apresentada. Manuel Garcia matou-se por causa de um amor não correspondido. Esta situação lembra-nos Werther, o protagonista do romance *Os Sofrimentos do Jovem Werther*, de Johann Wolfgang Von Goethe. O amor platónico de Werther teve um fim trágico – o herói suicidou-se com um tiro na cabeça. O romance de Goethe tornou-se um clássico e um dos principais representantes do período do romantismo na literatura mundial. Werther, por outro lado, tornou-se um dos mais importantes representantes do *Weltschmerz*. Este termo alemão, que significa “dor do mundo”, representa a crença de que o mal e o sofrimento prevalecem no mundo e que um mundo tão mau e injusto não pode ser reparado. Este tipo de visão de mundo generalizou-se entre vários autores românticos. Como veremos nesta análise, tal modo de pensar também está próximo do da autora deste conto.

Manuel Garcia é um herói romântico, um rapaz jovem que ama uma mulher inacessível.

Alto, moreno, ombros largos, musculoso, tinha contudo um coração colegial de quinze anos; no forte arcaboço daquele operário inculto e simples vivia, não se sabe por que estranhas transmigrações, a alma dum poeta romântico (96).

O protagonista, tentando escapar de um amor trágico e de uma “dor do mundo”, causada não só por um amor infeliz, mas também pela sua origem pobre, procura o resgate na morte. Ao contrário de Werther, Manuel mata-se com um tiro no peito. Quem o encontrou foi a sua mãe.

A figura da mãe tem um papel muito importante neste conto. O que faltava nas primeiras duas narrativas, e que *A Paixão de Manuel Garcia* oferece, é a perspectiva daqueles que “ficam para trás”. Florbela entra numa esfera muito familiar para ela, que é a dor de perder a pessoa querida. Neste caso, não se trata dum amor romântico, mas do amor da mãe que perde o filho, a pessoa mais importante e mais amada. A personagem da mãe e Florbela têm muito em comum. Ambas sofrem a perda da pessoa mais próxima e ambas estão já, desde cedo, acostumadas à presença da morte nas suas vidas.

Havia muitos anos que aquela pobre, aquela desgraçada, sentia a morte rondar-lhe a porta. Ouvira-lhe, por muitas vezes, os passos ao longe, depois mais perto, mais perto ainda até pararem à porta... e a morte entrava. Levou-lhe a mãe, o pai, dois filhos pequeninos, uma filha de vinte anos, o marido, e por último entrara-lhe assim em casa, de repelão, sem prevenir, e fizera-lhe do coração um frangalho. A sua alma andara, como o seu corpo, sempre vestida de crepes; não se lembrava de a ter visto de branco (98).

No momento em que encontra o corpo do seu filho, a mãe não grita, nem chora. Mas a sua dor é imensa, ela já sente saudades do filho e a solidão que ele deixa para trás. Entende e conhece o “doido segredo do filho” que o levou à morte aos vinte e dois anos. O segredo de Manuel é a paixão por Maria del Pilar.

A história de Manuel é contada retrospectivamente. Ele é um canteiro pobre que trabalha na oficina do avô. A oficina tem vista para o jardim de Maria del Pilar, uma rapariga loira, filha “duma nobre espanhola e dum grande fidalgo português”. Quando a viu pela primeira vez, Manuel tinha dezassete anos e ela apenas treze. Manuel “endoideceu” – foi o começo da sua paixão.

A paixão de Manuel Garcia durou muitos anos e ninguém nunca soube dela. Nem Maria tinha conhecimento de ser amada com tanta intensidade. Ela nunca olhou para ele nem lhe deu um pouco que fosse de esperança. A paixão de Manuel foi o sofrimento dele. Ele amou e sofreu no silêncio. O que não podia expressar em palavras expressou em pedra. Fazia da pedra tudo o que queria. Ao contrário da vida, a pedra poderia ser moldada da maneira que ele quisesse.

Parecia que a pedra tinha a consciência da sua alta missão, orgulho de, bruta e informe, realizar um sonho, ser transformada, por um raro prodígio de amor, numa Maria del Pilar que a paixão dum pobre divinizara (104).

A presença de Maria foi o deslumbramento para Manuel. Para expressar a paixão dele, Florbela também usa palavras como, por exemplo, *encanto* ou *embriaguez*. Ao longo do tempo, Maria torna-se uma obsessão para ele. O desejo dele é, a cada dia, mais forte. Uma vez, quando ela passava na rua com um grupo de amigos, Manuel viu-a deixar cair uma flor. Foi apanhá-la à rua, lavou-lhe a pétala por pétala e guardou-a – era o mais perto que se podia aproximar de Maria. Até não se atreveu a beijar a flor porque, para ele, ela representa a própria Maria, essa mulher idealizada e pura. Para destacar a sua pureza, Florbela veste Maria de branco, da mesma maneira que veste a Morta. A sua virgindade é muito proeminente. Com as palavras como *Pura* e *Intangível*, e com a expressão *A que não era de ninguém!*, Florbela (outra vez!) aproxima a sua personagem feminina a Virgem Maria.

Maria del Pilar, tão perto, estava longe, mais longe que as terras longínquas de além-mar, mais longe que uma estrela cadente, que nem o pensamento a pode seguir pelos céus fora, mas estava ali; não era dele, não, meu Deus! não a podia cobiçar sequer, mas não era de ninguém. Vaso sagrado por onde nenhuma boca matara a sede, templo que nenhuns passos tinham profanado ainda, torre de marfim do seu amor a que nenhum olhar subira, não era dele, não, mas era a Pura, a Intangível, era *A que não era de ninguém!* (107).

Manuel ia vivendo assim, satisfeito com o prazer de, pelo menos, olhar para a sua amada, até que um dia recebeu a notícia do casamento dela. Este acontecimento representa a parte central do conto. Com a notícia mencionada acabou a paixão de Manuel Garcia e começou a sua desgraça.

E os muros, as pedras, começaram a dançar-lhe, diante dos olhos esgazeados, a dança macabra do seu destino perdido. Pobre poeta! Com o brutal encontrão, acordou sobressaltado do êxtase de tantos anos e deu com os olhos na miséria da vida! (108).

Assim como os protagonistas dos primeiros dois contos, o aviador e a Morta, Manuel Garcia também procurava a libertação para os seus sofrimentos e a sua desgraça na morte.

Mais uma vez a morte é apresentada neste livro de contos como fuga da realidade sufocante e dolorosa.

E foi assim que na penumbra fechada dum crepúsculo de Novembro, Manuel Garcia meteu uma bala no peito, depois de escrever num papel frases de amor a uma princesinha loira, depois de lhe ter traçado o nome, o lindo nome que cheira a jardins de Espanha, num quadradinho branco, onde as últimas lágrimas dos seus olhos caíram e secaram (111).

Manuel Garcia matou-se com um tiro no peito. Podemos concluir que este foi um tiro no coração e o coração, como todos sabem, é um símbolo do amor. Ele queria matá-lo. O amor é um dos motivos predominantes neste conto. É precisamente por causa dele que a situação da morte se instaura. Neste caso trata-se dum amor platónico, que representa um amor ideal e perfeito, um sentimento que se alimenta de fantasias e idealizações, vendo apenas qualidades naquele que é amado. Na maioria dos casos, o amor platónico é fatal – assim foi também no caso de Manuel.

O suicídio tem um lugar importante aqui. Florbela justifica-o, trata-o como um ato de coragem. Manuel tem as primeiras ideias suicidas logo que sabe do casamento de Maria del Pilar. Ele lutou um ano contra a vida e conseguiu vencê-la. Foi uma vitória da morte sobre a vida. Esta é mais uma correlação com a vida da autora. Florbela lutou contra a vida durante anos e só conseguiu vencê-la à terceira tentativa.

Quando o que lhe ficou para trás não foi mais que um ponto perdido no desapego de tudo a que chegara, quando conseguiu finalmente arrancar de si os pedaços irreconhecíveis do seu sonho desfeito, Manuel Garcia olhou face a face a vida, e sorriu. Oh, o sorriso de desdém dos que querem morrer! (110).

Com o ato de suicídio, o sofrimento de Manuel acaba e o da sua mãe começa. O sofrimento de Manuel e o da mãe opõem-se um a outro, assim como se opõem o amor platónico de Manuel e o amor verdadeiro da mãe.

As questões sociais são um outro motivo predominante em *A Paixão de Manuel Garcia*. A oposição entre a pobreza e a riqueza é muito destacada neste conto. É por causa das diferenças sociais que Manuel não pode confessar o seu amor por Maria. Naquela época, a mistura de classes sociais não é aceite, pelo que Manuel é uma vítima da sociedade. Se nos lembrarmos do primeiro capítulo desta tese, no qual apresentámos sucintamente a biografia de

Florbela Espanca, torna-se evidente o paralelo entre Manuel e a própria autora que também foi vítima das convenções sociais.

A oposição entre os pobres e os ricos é relacionada com as oposições entre a morte e a vida, tal como entre o sofrimento e a alegria. Florbela descreve a morte como uma companheira dos pobres. Ela é uma constante nas suas vidas tristes, cheias de sofrimento e de desgraça.

Não gritou, não disse nada; os pobres não gritam. A morte faz parte do seu lúgubre cortejo de amigos, tem um cantinho no seu leito e um lugar à sua mesa; quando chega, pode levar tudo; quando transpõe a porta, aberta de par em par, com a sua presa, não vê à sua volta, a escoltar-lhe o fátidico vulto negro, senão cabeças curvadas num gesto de resignação, braços caídos, braços de quem deu tudo, de quem não tem mais nada para dar. A dor dos pobres é resignada e calma; traz às vezes consigo as aparências da revolta mas, no fundo, é cheia dum imenso, dum infinito desapego por tudo. Os pobres vêm ao mundo já sem nada; o pouco que a vida lhes deixa é emprestado. Que lhes hão-de tirar que seja deles?! Aos pobres toda a gente chama desgraçados (97).

No momento em que a mãe e o avô do falecido choram a sua morte num quarto modesto e escuro, na casa de Maria del Pilar decorre um baile. É um baile em honra do casamento dum casal jovem – Maria tinha casado com um rapaz rico. O silêncio e a escuridão do quarto do morto opõem-se ao palácio que faiscava de luzes. O sofrimento e os soluços, por um lado, e a alegria e a celebração da vida, por outro.

Com os olhos fitos nas luzes do palácio, na fila ziguezagueante dos autos donde desciam sem cessar vultos negros, que se sumiam no pátio todo iluminado, como a entrada dum palácio dum conto de fadas, a cabeça reclinada sobre o rebordo da janela, a mãe pôs-se a cismar. Que dois mundos tão diferentes! A noite e o dia, a luz e as trevas... (113).

A natureza também tem um papel bem importante no conto *A Paixão de Manuel Garcia*. Manuel Garcia matou-se ao crepúsculo. Assim como em *A Morta*, a morte chega com a noite, trazendo escuridão. Florbela usa expressões como *penumbra* e *abismo da noite* para ampliar essa imagem triste.

Um outro elemento recorrente é a água, desta vez em forma da chuva. A chuva simboliza a purificação, na medida em que representa o símbolo das influências terrestres que

renovam as vidas na terra⁹. Neste conto, a chuva pode ser observada em correlação com o sofrimento da mãe. À medida que a desgraça da mãe se torna cada vez maior, a chuva engrossa, cai como se quisesse “lavar o mundo de todos os seus maus pensamentos e acções”. A chuva tem a tarefa de libertar a mãe deste sentimento pesado e dar-lhe um novo começo. A chuva torna-se cada vez mais forte até transformar-se num dilúvio, que representa a renovação do mundo da pobre mãe.

Teve vontade de uivar como aquele cão sem dono, de se deitar na lama da rua, de boca na terra, rastejando, como um bicho, amortalhada na frescura daquela chuva que continuava a encharcar tudo, como se para além das quatro paredes daquele quarto o mundo acabasse num novo dilúvio (113).

Um outro símbolo da água manifesta-se nos pensamentos da mãe. Ela imagina o seu filho a ser levado pelas ondas para um lugar melhor, onde encontrará a sua paz, assim como a Morta e o avião encontraram a deles nos contos que precedem. Para ajudá-lo atingir essa paz e liberá-lo dos laços deste mundo onde não havia felicidade para ele, a mãe decide mudar o destinatário da carta. Com isso, ela matou o que restava do amor por Maria de Pilar.

‘Não, meu filho, não... Eu sei. Que locura! A carta... eu sei, a carta não é para a Maria del Pilar que a esta hora dança, vestida de branco, nos braços doutro. Não... Eu sei. A carta vai ser entregue à outra, à pobrezinha por quem tu morreste. Eu sei. Cala-te. Não chores. Está sossegado.’
[...] A carta era para a costureirinha, para a morena andaluza, de rosto tostado de gitana; pois para quem havia de ser? Ele não conhecia outra Maria del Pilar!... (115).

No final do conto, a mãe vê um sorriso na boca do filho e responde-lhe sorrindo também. Assim ela também atinge a serenidade.

⁹ Dicionário de Símbolos: <https://www.dicionariodesimbolos.com.br/>

OBSERVAÇÕES FINAIS

Os três contos apresentados nesta tese têm muito em comum. Juntos, incluem quase todos os temas apresentados neste livro de contos. Os temas e os motivos repetem-se, desenvolvem-se e acrescentam-se ao longo do livro. O motivo predominante é, evidentemente, a morte. Ela liga os contos numa unidade fechada.

O que já foi dito e que, sem dúvida, podemos concluir é que a morte tem um caráter libertador nos contos de Florbela Espanca. Em cada um dos contos analisados a morte salva o protagonista de uma desgraça. Com a morte vem o suicídio, entendido como forma de libertação, escolhido pelos protagonistas mencionados. Segue-se o amor como a razão mais comum para cometer suicídio. Vale a pena mencionar os outros motivos como, por exemplo, a injustiça e maldade no mundo, em jeito de crítica social, que são bastante frequentes. Os símbolos também têm um papel importante nos textos florbelianos, nomeadamente a água, a Virgem Maria, e as flores, para mencionar só os mais importantes.

Quanto ao modo de apresentação do discurso, Florbela, em primeiro lugar, usa a narração. Em cada um dos contos, o narrador omnisciente conta-nos uma história tal como ocorre. A narrativa é linear, pois o narrador apresenta os fatos seguindo a ordem cronológica dos acontecimentos. Não obstante, em *A Paixão de Manuel Garcia* a história do protagonista é contada por meio da retrospectiva. O conto começa com o momento em que a mãe de Manuel encontra o corpo do seu filho, ou seja com o momento de “agora”. Depois, temos uma retrospectiva que nos revela a história completa do amor de Manuel e como é que este chegou até ao momento do suicídio. No fim, a narrativa volta para o momento do “agora” e para a mãe.

Um outro modo de discurso presente nos contos florbelianos é a descrição. É um modo menos atual do que a narração, mas muito mais presente do que o diálogo. Florbela oferece-nos retratos curtos das personagens, como no caso da Morta, de Manuel Garcia e de Maria del Pilar. Note-se que as descrições físicas são menos frequentes do que psicológicas. Os pensamentos e as emoções têm um papel importante para desenvolvimento do enredo – os sentimentos governam as ações das personagens. O diálogo, por outro lado, é quase ausente nos contos florbelianos. Se a contista decide introduzir um diálogo, trata-se, usualmente, dum discurso indireto.

Os contos de Florbela são, antes de mais, contos de ação. Florbela mantém as regras de unidade de ação e oferece-nos um só episódio da vida das personagens. As personagens

são poucas. Os primeiros dois contos apresentam uma só personagem – o aviador e a Morta. O terceiro apresenta dois protagonistas, Manuel e a sua mãe, e uma outra personagem importante para o desenvolvimento de ação – Maria del Pilar. Mesmo em número reduzido, as personagens não são totalmente planas – nós conhecemo-las através da narrativa e das suas ações.

Por outro lado, tempo e espaço apresentam-se reduzidos. Em *O Aviador* parece-nos que a ação acontece numa questão de minutos, num espaço bem reduzido – quase como se fosse um quadro com as figuras em movimento. No conto *A Morta* a ação leva vários dias e toma lugar num cemitério e, depois, numa “cidade dos vivos”. Em *A Paixão de Manuel Garcia*, o enredo é mais complexo por causa da retrospeção. Duas linhas de tempo são apresentadas, mas tudo acontece num quarto modesto e numa oficina de canteiro.

Para concluir este capítulo, resta mencionar mais um elemento que une os contos do livro *As Máscaras do Destino* – o elemento autobiográfico. A personagem do aviador representa Apeles, que morreu num acidente de avião, enquanto a Morta e a mãe do Manuel representam a própria Florbela, que sofreu a perda duma pessoa querida. O suicídio, a sociedade cruel, o rio... todos eles, desta ou daquela maneira, fazem parte da vida e da morte de Florbela.

CONCLUSÃO

A presente tese final abriu-nos a porta para o mundo íntimo de Florbela Espanca. Esta grande sonetista e contista foi e, sem dúvida, ainda é uma das personalidades mais interessantes e intrigantes da literatura e cultura portuguesas. Nós aprendemos muito sobre a Escritora lendo os seus dados biográficos, mas aprendemos ainda mais analisando a sua obra literária.

O foco principal desta tese foi o motivo da morte nos seus contos e a obsessão pela morte que ela desenvolveu desde cedo na sua vida. A Morte foi companheira de Florbela desde a infância. Primeiro levou-lhe a mãe, depois o irmão, mas a Morte tinha outros planos para Florbela. A Morte resistiu a Florbela. A Poetisa tentou que a Morte a levasse, mas não foi fácil. Florbela tentou o suicídio três vezes. E só pela terceira vez conseguiu que a Morte a levasse.

Mesmo que ela tivesse pretendido fugir deste mundo, a sua fuga não foi inteiramente bem-sucedida. Florbela Espanca ainda vive nos seus contos e sonetos e, através deles, influencia as novas gerações de escritores, bem como os estudantes de português. O tema da morte – tema esse pesado e mórbido, é natural para a autora. Ela usa-o muito, explora-o de todas as maneiras possíveis. Os seus contos são tristes, mas, ao mesmo tempo, leves – alguns até esperançosos.

Florbela foi uma mulher estranha e avançada para o seu tempo. O seu reconhecimento chegou tarde demais, mas ela deixou a sua marca na literatura e cultura portuguesa em geral. Escrevendo a presente tese, pensei sobre a vida e a obra de Florbela e tentei colocá-las num outro contexto – no século XXI. Como tudo teria sido diferente para Florbela se ela tivesse nascido cem anos depois! ... E talvez nada tivesse sido diferente. Talvez fosse o destino dela ser diferente, isolada e marginalizada. Por isso, foi especial e isso incentivou o seu talento.

Florbela pode descansar em paz. O seu “querido Morto” não morreu com ela. Nem ela morreu completamente naquela noite do seu aniversário. Eles vivem nas páginas dos livros dela.

Para terminar esta tese, vou usar as palavras da Florbela: “Que os vivos passem adiante...”

REFERÊNCIAS:

- ESPANCA, F. *As Máscaras do Destino*. Lisboa: Bertrand editora, 1998.
- BESSA-LUÍS, A. *As Máscaras do Destino* (prefácio). Lisboa: Bertrand editora, 1998, p. 7-25.
- BESSA-LUÍS, A. *A Vida e a obra de Florbela Espanca*. Lisboa: Arcádia, 1979.
- TALAN, N. *Povijest portugalske književnosti*. Zagreb: Školska knjiga, 2004.
- TALAN, N. *U sjeni Pessoe*. Zagreb: Hrvatsko filološko društvo, 2005.
- LÚCIA DAL FARRA, M. *Afinado desconcerto: (contos, cartas, diário)*. São Paulo: Editora Iluminuras Ltda, 2002.
- MOISÉS, M. *A Criação Literária*. São Paulo: Editora Cultrix, 2003.
- REIS, C.; LOPES, A. C. M. *Dicionário de Narratologia*. Coimbra: Livraria Almedina, 1998.
- SERPA CABRAL, M. *O Estudo do Conto em Portugal: Do Século XVII à Atualidade*. 2013.
http://z3950.crb.ucp.pt/Biblioteca/mathesis/Mat22/Mathesis22_159.pdf
11.5.2018.